

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO SOCIOECONÔMICO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA ADMINISTRAÇÃO**

Giovana Silva Ribeiro

**A FORMAÇÃO DO EMPREENDEDOR SOCIAL NO BRASIL: Análise das
Publicações a Partir de 2015**

Florianópolis

2023
Giovana Silva Ribeiro

**A FORMAÇÃO DO EMPREENDEDOR SOCIAL NO BRASIL: Análise das
Publicações a Partir de 2015**

Trabalho de Curso apresentado à disciplina CAD7305
como requisito parcial para a obtenção do grau de
Bacharel em Administração pela Universidade Federal
de Santa Catarina.

Enfoque: Monográfico – Artigo

Área de concentração: Empreendedorismo

Orientador(a): Prof. Dr. Pedro Antônio de Melo

Florianópolis

2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Ribeiro, Giovana Silva

A Formação do Empreendedor Social no Brasil : Análise das Publicações a Partir de 2015 / Giovana Silva Ribeiro ; orientador, Pedro Antônio de Melo, 2023.

22 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Socioeconômico, Graduação em Administração, Florianópolis, 2023.

Inclui referências.

1. Administração. 2. Empreendedorismo Social. 3. Empreendedorismo no Brasil. 4. Educação Empreendedora. 5. Empreendedorismo. I. de Melo, Pedro Antônio. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Administração. III. Título.

**A FORMAÇÃO DO EMPREENDEDOR SOCIAL NO BRASIL: Análise
das
Publicações a Partir de 2015**

Este Trabalho de Curso foi julgado adequado e aprovado na sua forma final pela Coordenadoria Trabalho de Cuso do Departamento de Ciências da Administração da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 08 de Dezembro de 2023.

Prof^a Dra. Ana Luiza Paraboni
Coordenador de Trabalho de Curso

Avaliadores:



Documento assinado digitalmente
Pedro Antonio de Melo
Data: 07/12/2023 15:39:49-0300
CPF: ***.903.539-**
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Prof^o. Dr. Pedro Antônio de Melo
Orientador
Universidade Federal de Santa Catarina

RESUMO

Este artigo tem como objetivo geral expor o que está sendo discutido na comunidade acadêmica sobre o tema “formação do empreendedor social no Brasil”, em estudos realizados a partir de 2015. A pesquisa foi realizada a partir de uma metodologia exploratória com análise narrativa da literatura, a partir de quarenta estudos científicos. É relevante pela grande quantidade de lacunas no tema. Identificou-se que a formação do empreendedor social no Brasil ocorre em ambientes não-formais de aprendizagem, a partir de histórias de vida e que as metodologias indicadas para ensino são práticas e não tradicionais. Contribui para identificar o estado de conhecimento deste tema emergente e para a gestão social.

Palavras-chave: Empreendedorismo. Empreendedorismo Social. Educação Empreendedora. Formação Social.

ABSTRACT

This article aims to broadly present what is being discussed in the academic community regarding the topic "formation of social entrepreneurs in Brazil," based on studies conducted from 2015 onward. The research employed an exploratory methodology with narrative analysis of the literature, drawing from forty scientific studies. It is relevant due to the significant gaps in the subject. It was identified that the formation of social entrepreneurs in Brazil takes place in non-formal learning environments, based on life stories, and that the recommended teaching methodologies are practical and non-traditional. The article contributes to identifying the current state of knowledge on this emerging topic and contributes to social management.

Keywords: Entrepreneurship. Social Entrepreneurship. Entrepreneurial Education. Social Formation.

1 Introdução

O empreendedorismo é um campo dinâmico que abrange tanto a prática quanto o estudo da atividade de empreender. Em sua essência, envolve a identificação de problemas e a transformação de ideias inovadoras em ações tangíveis. O empreendedorismo transcende fronteiras e setores, manifestando-se em diversos contextos, como iniciativas sociais que promovem mudanças positivas.

No âmbito social o cenário é marcado por uma profusão de desafios complexos e demandas prementes. A degradação do meio ambiente ameaça ecossistemas vitais e a disparidade do acesso a recursos essenciais acentuam as divisões sociais. Diante desta situação, a necessidade de abordagens inovadoras e sustentáveis para resolução destes problemas torna-se cada vez mais urgente. Nesse contexto, emerge o empreendedorismo social como resposta.

Este artigo se concentra na questão: “como ocorre a formação do empreendedor social no Brasil”? Esta pesquisa tem como objetivo geral expor o que está sendo discutido na comunidade acadêmica sobre o tema “formação do empreendedor social no Brasil”, em estudos realizados a partir de 2015.

Esta pesquisa tem os seguintes objetivos específicos a partir da análise da literatura realizada: apresentar os principais desafios socioeconômicos e educacionais no contexto brasileiro; identificar o que é considerado empreendedorismo social; identificar como é retratado o indivíduo “empreendedor social”; apontar abordagens pedagógicas propícias a formação do empreendedor social; demonstrar os espaços de formação do empreendedor social; discorrer sobre quais as competências necessárias ao empreendedor social; apontar metodologias de ensino propícias para formação do empreendedor social; externar o papel das instituições na formação do empreendedor social, e por fim, fazer proposições de melhorias no processo de formação do empreendedor social no Brasil.

Este estudo justifica-se pelas lacunas em pesquisas que retratam a realidade da formação do empreendedor social no Brasil e pela urgência de estudos que analisem e proponham mudanças no cenário social brasileiro. Assim, a partir de uma análise dos estudos mais recentes sobre o tema, pode-se observar resultados mais robustos, analisar tendências e esclarecer as necessidades de pesquisa na área.

2 Fundamentação Teórica

O conceito de empreendedorismo apareceu na primeira metade do Séc. XX. Nesta ideia, os empreendedores são agentes que introduzem inovações, disrupturas criativas e mudanças que reconfiguram os mercados e impulsionam a evolução da economia. (Schumpeter, 1942).

O empreendedorismo com foco na gestão eficaz e adaptação ao ambiente foram ideias que surgiram na década de 1980. Os empreendedores de sucesso se concentram na criação de valor e na adaptação constante às mudanças de mercado (Drucker, 1985). Busca de oportunidades além dos recursos controlados, importância da gestão de riscos e da capacidade de tomar ‘decisões empreendedoras’ são ações e ideias que colaboram ao empreendedorismo (Stevenson, 1985).

A abordagem do empreendedorismo dentro da organização, ou empreendedorismo cooperativo, é importante para cultivar uma mentalidade empreendedora mesmo em organizações grandes e estabelecidas (Souza, 1998). Autoconfiança, determinação e superação de obstáculos são consideradas competências importantes - assim, se pode explorar a jornada empreendedora como parte integrante do caminho para o sucesso (Shiniashiky 1998). Flexibilidade e agilidade são conceitos empreendedores chave trazidos na virada do milênio, momento de grandes mudanças sociais e tecnológicas. Empreendedores não precisam seguir um caminho rígido de plano de negócios e devem ser flexíveis e adaptáveis (Saravasthy 2001). Blank é um dos pioneiros dos movimentos de Startups e enfatiza o empreendedorismo enxuto e ágil (Blank, 2003).

Dornelas (2008) discute como os empreendedores identificam oportunidades de negócios, incluindo a análise do ambiente e a geração de ideias. Ele destaca a importância de um plano de negócios e aborda como conseguir financiamento de investidores, empréstimos ou utilizar recursos próprios, em prol da implementação ou do crescimento de um negócio. Neste momento, destaca-se a importância da empresa “iterar” rapidamente, testar hipóteses e adaptar-se com base no feedback do mercado (Ries, 2011). Nesta ótica, a adaptação constante mostra-se necessária para o desenvolvimento empreendedor e o mercado é um ambiente importante.

Com a grande impulsão da ideia empreendedora, surgem críticas relevantes que podem ajudar na adaptação do fenômeno para realidade social atual. Hjorth e Steyaert (2004) argumentam que a retórica empreendedora pode ser exagerada e que, em vez de representar a realidade, pode criar uma narrativa idealizada em torno do empreendedorismo. David

Graeber (2018) diz que muitos empreendedores estão envolvidos em atividades que não contribuem significativamente para sociedade e questiona a validade dos empregos criados pelo empreendedorismo. É importante levar em consideração estas críticas, pois o empreendedorismo, mesmo com viés mercadológico, não precisa colaborar para a precarização do trabalho.

Nos anos 1990, diversos autores falam sobre a relevância das redes sociais. As tecnologias de comunicação e as conexões estão transformando a forma como nos relacionamos com o mundo e com os outros (Haraway, 1991). As redes pessoais e sociais são importantes na vida das pessoas e afetam a comunicação e o suporte social (Wellman, 1999). Estas ideias refletem no empreendedorismo, sugerindo a valorização da ação empreendedora coletiva, colaborativa, sistêmica e o reconhecimento da diversidade e inclusão.

O empreendedorismo social é um fenômeno que ganhou destaque na virada do milênio. “O empreendedorismo social envolve o processo de criar valor inovador e sustentável por meio da exploração de oportunidades para mudar sistemas, promover soluções para problemas sociais e culturais e criar efeitos sociais significativos” (Dees, 1998). Esta definição ressalta a importância do impacto social como principal motivador do empreendedorismo social, distinguindo-o do empreendedorismo tradicional, que muitas vezes se concentra principalmente no lucro financeiro.

Bornstein (2007) enfatiza a importância de empreendedores sociais criarem mudanças positivas e duradouras na sociedade. Segundo Martin e Osberg (2015) o empreendedorismo social é uma força motriz para transformação social, podendo criar impacto positivo em escala. Segundo estes autores, é possível ultrapassar as fronteiras tradicionais para resolver problemas sociais complexos. Os empreendedores sociais introduzem inovação em seus modelos de negócio. A inovação é um motor para o impacto social – inovação e escalabilidade estão interligadas na criação de modelos de negócios sociais sólidos (Mair e Hehenberger, 2017).

As organizações sociais tem natureza híbrida e equilibram missões sociais com sustentabilidade financeira (Hockerts, 2019). O empreendedorismo social precisa ter financiamento. Neste sentido, a Oxford University Press (2015) reúne em sua edição explorações de como o setor financeiro pode ser mobilizado de maneira eficaz para enfrentar desafios sociais e ambientais, enfatizando a necessidade de modelos financeiros inovadores. Desafios enfrentados pelos empreendedores sociais incluem questões relacionadas a

financiamento, medição de impacto, parcerias estratégicas e sustentabilidade a longo prazo (Hockerts, 2019). Segundo o PNUD (2021), há o reconhecimento de desafios a serem superados na questão de financiamento social e a necessidade de ampliar os investimentos sociais em todos os setores da sociedade.

Sobre o empreendedor social brasileiro, os objetivos de caráter pessoal exercem uma influência positiva na decisão do empreendedor socialmente (Carneiro e Bernardino, 2019). Segundo Barbalho e Uchoa (2019), em contraste com a concorrência, a cooperação e a colaboração surgem como as atitudes mais propícias para a liberação da criatividade e ao surgimento de negócios realmente inovadores.

Em meio a emergência do empreendedorismo social e seus desafios, percebe-se a importância de falar sobre abordagens educacionais sobre este tema. “A sociedade espera das novas gerações mais do que uma imitação, espera um enriquecimento” (Piaget, 1980, p.141). Uma abordagem mais participativa e centrada no aluno, buscando superar a opressão por meio da educação é necessária (Freire, 1968). “Um dos mais poderosos meios de desenvolver o empreendedorismo na sociedade é por meio de programas educacionais que incorporam o espírito empreendedor em todos os níveis de sistema educacional” (Dolabela, 2013, p.135).

Allan Gibb (2002) defende a importância de uma educação empreendedora que seja relevante e adaptada ao contexto local. Ele enfatiza que a educação empreendedora deve levar em consideração a cultura, os recursos e as realidades econômicas específicas de onde é ministrada. “A educação empreendedora possui especificidades que a diferem da educação tradicional, buscando não apenas a transmissão de conhecimentos” (Schaefer e Mienello, 2016, p.78)”. A educação está em reestruturação, com o objetivo de formar cidadãos protagonistas de suas histórias e isto tem causado discussões nas agendas educacionais mundiais (Jara, 2018).

3 Procedimentos Metodológicos

Esta pesquisa busca analisar a formação do empreendedor social no Brasil. Tem caráter exploratório e foi desenvolvida de forma qualitativa, realizada a partir de uma revisão narrativa da literatura.

Utilizou-se o método “Estado de Conhecimento”, que “está sendo cada vez mais utilizado para analisar e estabelecer o estado corrente das pesquisas em determinada área de conhecimento” (Kohls-Santos e Morosini, 2021, p.126). Segundo Kohls-Santos e Morosini

(2021) as etapas da metodologia são: identificação e seleção dos materiais que farão parte da análise; leitura dos resumos para a seleção dos trabalhos utilizados; reorganização do trabalho selecionado em temáticas; organização e apresentação de proposições e propostas emergentes.

Esta é uma metodologia recente, porém defendida por autores que consideram importante o acompanhamento das mudanças nas ciências (Silva, Souza e Vasconellos, 2020). “‘Estado de Conhecimento’ é identificação, registro, categorização que levem a reflexão e síntese sobre a produção científica de uma determinada área, em um determinado espaço de tempo, congregando periódicos, teses e dissertações sobre uma temática específica” (Morosini e Fernandes, 2014, p. 155). Segundo Kohls e Morosini (2021), o Estado de Conhecimento é um tipo de pesquisa bibliográfica, baseada especialmente em teses, dissertações e artigos científicos.

Foram buscados estudos relevantes ao tema nas plataformas Scielo, Google Acadêmico e Periódicos Capes, publicados a partir de 2015, a partir da busca dos termos: “educação; formação; empreendedor”, “educação; formação; social”, “educação, formação; Brasil”, “educação; empreendedor; social”; “educação; empreendedor; Brasil”; “educação; social; Brasil”; “formação; empreendedor; social”; “formação, social, Brasil” e “empreendedor, social, Brasil”. A partir dos estudos encontrados foram selecionadas as pesquisas cujos resumos apresentem a maior quantidade absoluta das palavras-chave “educação”, “empreendedor/empreendedora/empreendedorismo”, “formação”, “social/sociais/sociedade” e/ou “Brasil”.

Desta busca foram selecionados 40 artigos. Os resultados foram narrados e analisados a partir dos tópicos que se sobressaíram.

4 Análise de Resultados

Como retorno da metodologia aplicada foram encontrados artigos que tratam especificamente da “formação do empreendedor social” e artigos que tratam de temas correlatos e relevantes a questão.

Muitos artigos mencionam os problemas sociais no contexto brasileiro, necessidade de desenvolvimento social e o envolvimento das políticas públicas. É necessário entender para qual mundo se forma o empreendedor social. Segundo o artigo Silva (2015) a história do país foi marcada pela ditadura civil-militar, retorno à democracia e a a difusão do neoliberalismo na década de 1990. Segundo o Itelvino et al. (2018) as oportunidades e o

acesso aos direitos contemplados na Constituição brasileira na prática não são os mesmos para todos os cidadãos, surgindo assim uma nova categoria na sociedade: a do excluído social. Martins (2020) considera que nas últimas décadas as sociedades estão em processo de mudança social em todos os setores, com destaque para o desenvolvimento da vida comunitária, a ação de movimentos e redes sociais, a emergência de questões ambientais, socioeducativas, transformação do mercado de trabalho e impacto das novas tecnologias na vida das pessoas. Diversas necessidades sociais, especialmente nas áreas da saúde, educação e saneamento persistem, refletindo a desigualdade, segundo Genu (2018).

Os artigos são unanimidade ao afirmar que a educação é importante para mudar esse cenário desafiador. Segundo Martins (2020) diversos fatores econômicos, sociais, tecnológicos e culturais têm impulsionado novas abordagens para atender às complexas demandas sociais. Estas mudanças geram necessidades de aprendizagem diferentes, levando a novas possibilidades pedagógicas. Tenório (2017) aponta mudanças nas últimas reformas educacionais e argumenta que podem não promover a verdadeira democracia escolar. Alves et al. (2021) considera que as últimas reformas educacionais ocorridas na educação foram orientadas pela lógica neoliberal. A situação precária do sistema educacional é destacada por Genu (2018), que considera que deve haver menos preocupação com direcionamento para mão de obra e mais preparação para o empreendedorismo. Itelvino et al. (2021) destaca a relevância da educação na promoção de mudanças sociais, no momento de resposta por exemplo à pandemia de Covid-19.

Percebe-se em Peronil et al. (2021) que existe uma disputa pela agenda educativa e isto implica na construção de uma sociedade mais democrática, demonstrando preocupação com ideias que enfatizam valores de mercado em detrimento da formação humana integral e democrática. É um grande desafio, de acordo com grande parte dos artigos, a questão da formação de professores no Brasil.

Considerando todos estes aspectos desafiadores, “necessidade de mudanças” é uma das expressões mais citadas nos artigos. Como possibilidades de mudança, a inovação é destacada como crucial por Itelvino et al. (2018). A inovação social visa gerar mudanças de longo prazo, impactando desigualdade, economia, políticas e ambiente Genu (2018). Segundo Casagrande e Branco (2018), existe grande potencial de transformação social no cenário de um Brasil paradoxal, com muitos problemas, mas repleto de possibilidades.

A inovação social, os negócios sociais e geração de valor social são um conjunto de ideias e ações que propõem causar impacto positivo na sociedade. Segundo Itelvino et al.

(2018) a inovação social engloba processos, produtos e metodologias que visam melhorar a qualidade de vida e reduzir desigualdades. Para Casagrande e Branco (2018) os negócios sociais integram a lógica dos diferentes setores econômicos e oferecem produtos e serviços de qualidade à população excluída do mercado tradicional, ajudando a combater a pobreza e a diminuir a desigualdade no mundo. Genu (2018) destaca que o contexto político, social, ambiental e econômico atual impulsiona o surgimento de startups sociais, as quais buscam enfrentar problemas de maneira inovadora e institucionalizar seus negócios para gerar benefícios ao desenvolvimento local. Segundo Ciccarino et al. (2019), destacam-se características inovadoras e a utilização de recursos nos negócios sociais, que, segundo a concepção de Muhammad Yunus, unificam objetivos de impacto socioambiental positivo e sustentabilidade econômico financeira.

No contexto específico do Brasil, é importante analisar as parcerias realizadas entre o setor público, iniciativas privadas e organizações da sociedade civil. Este é um tema que permeia todos os artigos analisados e é recorrente quando se fala do cenário socioeconômico do país. Segundo Itelvino et al. (2018) busca-se criar organizações que preencham lacunas sociais, tendo retorno financeiro, mesmo não sendo seu objetivo final. Parcerias que envolvam comunidade, governo e setor privado conjuntamente criam estratégias que podem ajudar aos outros e ao mesmo tempo ganhar rendimentos, segundo Casagrande e Branco (2018). Em Tenorio (2017), menciona o SEBRAE como uma entidade pública sem fins lucrativos que promove o empreendedorismo no Brasil, apoiando micro e pequenos negócios. Seu Programa Nacional de Educação Empreendedora busca desenvolver competências em escolas e universidades, com parcerias em todo país. A Aliança Empreendedora, com sede em Curitiba, Paraná, mas atuante em todo o Brasil, é mencionada em Casagrande e Branco (2018) e vem realizando um trabalho através de convênios e parcerias com ONG's voltadas a trabalhos em comunidades carentes e instituições de ensino. Genu (2018) aborda a relevância do apoio do poder público, destacando a formulação de políticas públicas para impulsionar inovações sociais. Explora a obtenção de recursos e parcerias, observando desafios e a percepção de organizações do terceiro setor como mais acessíveis devido à isenção tributária.

A cultura empreendedora no Brasil se desenvolveu a partir de iniciativas de políticas públicas, privadas e partir de organizações da sociedade civil e hoje é representativa no cenário internacional. Para Moreira et al. (2016) empreendedorismo é a capacidade de transformar ideias em ações e reconhece o impacto do empreendedorismo no

desenvolvimento socioeconômico. Este estudo nota uma “vocação” empreendedora na população brasileira. Mello e Nunes (2018) enfatizam a identificação de oportunidades como primeiro passo para empreender. Destaca a capacidade de reconhecer oportunidades e agir diante das mudanças no ambiente. Segundo Tenorio (2017), O Brasil enfrenta desafios institucionais para promover o empreendedorismo, mas há indícios de crescimento nesse movimento. O Global Entrepreneurship Monitor Anastacio et al. (2015)) apresenta em dados de 2015, que o Brasil estava em sua maior taxa de empreendedorismo na série histórica e que além do empreendedorismo ser o quarto principal sonho dos brasileiros, 34% dos brasileiros sonham em ter o próprio negócio. Ainda segundo Anastacio et al. (2015) houve um crescimento do empreendedorismo por necessidade durante a retração econômica recente. Estes dados chamam atenção para possibilidade da existência de um discurso idealista do empreendedorismo que gera sonhos, mas que na prática é representado pela falta de oportunidades de emprego, em virtude das dificuldades econômicas enfrentadas no Brasil na última década.

O empreendedorismo social, objeto deste artigo, difere do empreendedorismo tradicional em seus fins. Segundo Tenório (2017) o "empreendedorismo solidário" ou "empreendedorismo social", tem sua base na livre-associação, cooperação produtiva e autogestão, que considera conceitos distintos do empreendedorismo capitalista. Outros artigos não tem a mesma ótica, considerando que o lucro e a sustentabilidade são fatores essenciais ao se empreender socialmente.

Itelvino et al. (2018) traz definições de empreendedorismo social: o empreendedorismo social pode ser entendido como um processo que cria soluções inovadoras para problemas sociais imediatos e, para tal, mobiliza ideias, capacidades, recursos e arranjos necessários à geração de transformações sociais sustentáveis (Alvord; Brown; Letts, 2004). Ainda em Itelvino et al. (2018) para Dornelas (2007), o cerne do empreendedorismo social é a relação indissociável entre a realização pessoal/profissional e a possibilidade de melhorar as condições de vida do outro.

Itelvino et al. (2021) compreende o empreendedorismo social como projeto de inovação e afirma que está relacionado com o desenvolvimento humano e boas práticas sociais. Para Casagrande e Branco (2018) o empreendedorismo social é um conceito em desenvolvimento, diferenciando-se da gestão social tradicional; está em progressão no Brasil e busca inovação para enfrentar desafios sociais, com ênfase na distribuição democrática dos lucros em benefício da comunidade. Na concepção de Genu (2018) o empreendedorismo

social desempenha um papel crucial na promoção de melhorias sociais e ambientais e diferencia-se das ações de responsabilidade social, buscando a sustentabilidade financeira enquanto atende demandas sociais. Dificuldade na busca por financiamento é citado por Genu (2018) e por uma quantidade grande dos artigos pesquisados. Cavazos-Arroyo et al. (2017) destaca o papel crucial do empreendedorismo social como gerador de valor social e transformador de problemas em oportunidades, ressaltando sua relevância como política pública.

Aqui uma questão chave do artigo: quem é o sujeito que empreende socialmente? Parte-se para uma análise do empreendedor social, suas intenções e seu perfil. Em Genu (2018) A pesquisa destaca a novidade do conceito e sua limitada presença na literatura, enquanto reconhece figuras históricas como Martin Luther King e Gandhi como exemplos de empreendedores sociais. Neste momento é válida a reflexão de que embora muitos conceitos tratados neste artigo estejam sendo delineados nas últimas décadas, a presença do fenômeno empreendedorismo não tem consenso de data de início. É um desafio negar que Martin Luther King e Gandhi foram empreendedores sociais.

Segundo Bernardino e Santos (2015), o empreendedor social, muitas vezes tratado como “lobo solitário”, é reconhecido como um herói que busca um propósito social. No entanto, ainda segundo o autor, a narrativa destaca a importância de entender o empreendedorismo social como um esforço coletivo. A formação de equipes é essencial, superando a ideia do lobo solitário.

Itelvino et al. (2018) reconhece empreendedores sociais como agentes que estão vinculados a sua história de vida e trajetória de liderança social; tem um olhar para o coletivo, falam na pessoa plural (nós), sentem indignação pela exclusão social, pobreza e miséria, sendo o risco de vida do outro muitas vezes o que impulsiona suas ações. Para Itelvino et al (2018) a satisfação do empreendedor social está obtida especialmente no envolvimento dos membros da comunidade por meio da participação, integração e desenvolvimento coletivo. Bernardino e Santos (2015) coloca que as motivações que incentivam o empreendedor social a lançar uma iniciativa envolvem a determinação social, afiliação social específica e metas não financeiras. As características em destaque do empreendedor social são, para Casagrande e Branco (2018): sinceridade, paixão pelo que faz, clareza, confiança pessoal, valores centralizados, boa vontade de planejamento, sonhar e uma habilidade para o improviso.

Segundo Cavazos-Arroyo et al. (2017), a formação do empreendedor social está ligada aos espaços e contextos de aprendizagem, à trajetória de liderança social e à motivação para o empreendedorismo social. De acordo com Genu (2018), o empreendedor social diferencia-se do empreendedor tradicional por seu foco na criação de valor social, não apenas na lucratividade. Enfrenta desafios, especialmente em estágios iniciais, devido à falta de reconhecimento no mercado. Ainda, o empreendedor social deve manter visibilidade e conexões para fortalecer a troca de conhecimento.

Neste momento, partimos então para o entendimento de quais são as competências e habilidades necessárias para que o empreendedor social possa realizar suas ações. Segundo Genu (2018), existe uma falta de consenso sobre as competências essenciais. Porém, saber lidar com finanças, competências socioemocionais, habilidade crítica, habilidades de gestão e saber trabalhar em equipe são competências consideradas cruciais.

Para Bittencourt et al. (2016) as competências necessárias principais para o empreendedor social são: visão estratégica, iniciativa, equilíbrio, habilidade gerencial e posturas como inconformismo. Além disso, competências financeiras também são necessárias. O estudo resume as competências em sociais, incluindo a percepção social, expressividade e adaptabilidade. Neste sentido é importante saber perceber o ambiente a sua volta com clareza, saber se comunicar, saber interagir com o ambiente e saber agir para se adaptar ao ambiente. Em um indivíduo que possui essas habilidades, a postura de inconformidade serve como estopim para talentos sociais.

Genu e Muzzio (2018) destaca a importância da criatividade para gerar inovações, especialmente em negócios sociais, considerando a crescente relevância desses negócios na abordagem de problemas sociais contemporâneos. A criatividade é conceituada como um elemento chave para a inovação, dependendo da combinação de experiência, motivação e habilidade criativa. A liderança é identificada como crucial na promoção da criatividade, caminhando-se assim para um ambiente propício a inovação. Cavazos-Arroyo et al. (2017) coloca como características fundamentais de um empreendedor social: propósito social, mentalidade de mudança, ferramentas de mudança, ecossistema e a capacidade de gerar mudanças. Segundo Bernardino e Santos (2015), é necessário ser criativo, ser capaz de analisar informações, programar, valorizar a diversidade, entre outras.

Casagrande e Branco (2018) trazem que, mesmo sem ter conhecimentos específicos para abertura de um negócio, o número de empreendedores sociais tem proliferado por todo o país, e de certa forma ajudam as comunidades no entorno de onde ele é realizado. Isto leva

a refletir até que ponto os conhecimentos para abertura de um negócio são os mais relevantes para formação do empreendedor social.

As correntes pedagógicas para formação do empreendedor social trazidas neste artigo advêm dos resultados da metodologia de busca realizada. São elas a educação empreendedora e a educação social. Segundo Peroni e Junior (2019), a Educação Empreendedora representa uma possibilidade de capacitar a provocar mudanças no cenário em que está inserido, através de um comportamento dinâmico, responsável e cidadão. Segundo Tenório (2017) estas abordagens tem diferenças, porém possuem também semelhanças, como educar para liberdade e autonomia. São nas semelhanças e nas possibilidades de integração de conhecimentos e habilidades que este artigo concentra sua análise. Assim, pretende-se mostrar como uma união de conhecimento das pesquisas revisadas podem contribuir para uma pedagogia interdisciplinar e inovadora, abrangendo competências aprofundadas de saber analisar a realidade a seu entorno, bem como ter ferramentas adequadas para agir na sua transformação.

Segundo Silva (2017) a Educação Empreendedora (EE) tem crescido em destaque no meio acadêmico nas últimas décadas. Originada nos Estados Unidos na metade do Séc. XX, expandiu-se nas décadas seguintes ganhando popularidade na década de 1980. Acredita-se cada vez mais que o empreendedorismo pode ser ensinado, embora existam aspectos, como criatividade e inovação, considerados difíceis de ser transmitidos. A educação empreendedora busca desenvolver habilidades práticas por meio da aprendizagem baseada em problemas e experiências do mundo real. SILVA (2017) explora a relevância da educação empreendedora para o desenvolvimento econômico e social, sendo um tema de interesse nacional e internacional.

Em Araujo e Davel (2018) a liberdade de expressão foi enfatizada como um componente crucial da EE, incentivando o pensamento criativo, a autonomia nas decisões e o engajamento dos estudantes no processo de aprendizagem.

Kruger et al. (2019) destaca a importância da promoção da educação empreendedora, considerando o conhecimento e experiência, para fomentar o comportamento empreendedor, especialmente em contextos de mudança econômica e social. Para Barbosa et al. (2020), a educação empreendedora influencia positivamente os traços de personalidade e a intenção empreendedora dos jovens alunos, destacando a importância do ensino do empreendedorismo nas fases de desenvolvimento. Cavalcanti e Cruz Neto (2016) ressalta o papel crucial da educação empreendedora na formação de jovens. A EE, segundo Bernardino

e Santos (2015), cultiva o propósito de empreender, promove o autoconhecimento, exercita a empatia, gera mudanças graduais, cocria com outros atores internos e externos e educa para sustentabilidade das mudanças. Segundo Genu (2018), a educação empreendedora está presente principalmente na educação formal.

Mello e Nunes (2018) considera que a EE deve abranger diferentes formas de ensino, desde a concepção ampla até o foco na criação de novos negócios. Mello e Nunes (2018) levanta a abordagem de que a EE tem uma aprendizagem centrada no processo, no pensamento independente e proativo. Segundo Mello e Nunes (2018), a comparação entre educação tradicional e empreendedora enfatiza a necessidade em uma mudança radical nas metodologias de ensino.

A educação social, segundo Tenório (2017), inclui originalidade, o ser humano como agente ativo, a educação como prática social e a atividade humana como elemento determinante do mundo e da prática revolucionária. Pereira e Souza (2021) caracteriza a ES como um ato social e enfatiza a importância de uma perspectiva inclusiva. Destaca a importância de uma educação social que atue em diferentes espaços e tempos de aprendizagem, buscando a inclusão de todos e reconhecendo a historicidade e a diversidade dos sujeitos. Destaca a formação integral do ser humano. Martins (2020) entende que a educação social abarca uma série de características como por exemplo: educação escolar de adultos; educação integracional; educação para o empreendedorismo social, para o mundo do trabalho e para formação empresarial; para crianças ou jovens em risco de perigo, marginalização e exclusão; para educação ambiental e ecológica; para gestão e promoção da cultura, do patrimônio e do turismo ecológico e rural; sobre e para os imigrantes, refugiados e grupos étnicos; promoção da mulher e mediação escolar e social. Leva, assim, em consideração a sua abrangência. A abrangência de saberes é essencial para o empreendedor social, visto que este lida com a realidade como um todo.

É importante considerar os espaços de aprendizagem do empreendedor social. Nesse sentido, é um consenso entre os artigos analisados que: a formação do empreendedor social no Brasil ocorre principalmente em ambientes não formais e informais de aprendizagem. Aí, em análise a parte, está um desafio educacional e um entendimento de que a formação não pode ser controlada, mas principalmente compreendida, para que assim a educação se adeque da melhor forma possível.

Dito isto, interessa conceituar o que é “educação formal”, “educação informal” e “educação não formal” e nesse sentido o Cavazos-Arroyo et al. (2017) auxilia a compreender

que: a educação formal ocorre na escola e outras instituições regulamentadas, quem educa é o professor, tem caráter normativo, objetiva ensinar conteúdos historicamente sistematizados e resulta em aprendizagem e certificação formal; a educação informal ocorre durante o processo de socialização dos indivíduos, quem educa são todos os atores envolvidos na realidade do indivíduo, inclusive a mídia, os espaços envolvem os locais culturais frequentados, ocorre em contextos sociais de pessoas com mesmo “pertencimento”, relaciona-se com o modo de se comportar e pensar, resultam na formação de indivíduos diversos, sem criação de expectativas específicas sobre estes; a educação não formal é aquela aprendida por meio das experiências da vida, quem educa é com quem ou com o que se interage, os espaços são os locais onde ocorrem a própria trajetória de vida, o contexto são situações interativas, os objetivos dependem das necessidades e interesses de cada um e resulta na consciência de como se irá agir no coletivo.

Natali (2016) destaca o papel da educação não formal como complementar a educação escolar e a formação de sujeitos autônomos e emancipados para a cidadania. Neste estudo, Natali (2016) aborda Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), em seu Artigo 1º, que diz que a educação abrange os processos formativos que ocorrem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais, organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais. Na pesquisa de Itelvino et al. (2018) destaca-se o fato de que o processo de formação do empreendedor social pode ser determinado pelos espaços de aprendizagem a que o empreendedor foi submetido durante sua história de vida. Coloca que na educação não formal os espaços de aprendizagem localizam-se em territórios que acompanham a trajetória de vida dos indivíduos fora das escolas, em grupos e movimentos sociais de que escolheram participar. Ainda é relevante na abordagem deste artigo, o fato de que os espaços de formação do empreendedor social não devem ser tratados de forma excludente, mas devem contemplar a integração dos conhecimentos, valores, competências e habilidades oriundos e adquiridos nos espaços de educação formal, informal não formal.

De acordo com Martins (2020) é evidente que a educação não escolar é muito ampla, ocorrendo por exemplo em contextos empresariais, estágios profissionais, vertente do tempo livre (ócio, lazer) e da cultura. Segundo Martins (2020) “parece que aprendemos mais fora da escola e da família”, reconhece as influências educativas do meio envolvente (boas ou más) e dos meios tecnológicos ao dispor do indivíduo. Aqui cabe um destaque para o papel das mídias, que hoje impactam na aquisição de conhecimento (de qualidade ou não).

Já abordadas competências, pedagogias e espaços de aprendizagem, cabe agora analisar alguns métodos competentes à formação do empreendedor social. Neste sentido, a maior parte dos artigos convergem para indicação que o aprendizado prático e experiencial é o mais propício para o desenvolvimento de habilidades empreendedoras, aliado a uma parte teórica.

Tenório (2017) coloca que é importante desafiar os alunos a construir soluções em ambientes convidativos para o diálogo. Este artigo traz à luz a Pedagogia Histórico-Crítica, enfatizando a problematização, promovendo a identificação e discussão de problemas na realidade, destacando a necessidade de aprender conhecimentos para resolvê-los. Natali (2016) aborda categorias que dialogam com diferentes formas e metodologias de práticas educativas, destacando a importância de conhecer diversas experiências profissionais e vivenciar práticas variadas para a constituição do profissional. A articulação entre produção de conhecimento teórico e prático é ressaltada, podendo ocorrer em diversos espaços, como seminários, análise de instituições, práticas em diversas áreas e atividades acadêmicas.

Itelvino et al. (2018) ressalta a importância da socialização e o compartilhamento de conhecimentos e experiências. Em Casagrande e Branco (2018) propõem-se o estímulo de desafios alcançáveis, obtendo-se assim pequenas vitórias que reforçam a autoconfiança. Genu (2018) realiza entrevistas que destacam a prática como fundamental para o desenvolvimento de habilidades de gestão. Bastos et al. (2021) enfatiza a necessidade de uma abordagem de aprendizado que combine teoria e prática, afastando-se dos métodos tradicionais. Destaca a importância da experimentação e do autoconhecimento na descoberta do espírito empreendedor. Aborda desafios específicos no ensino do empreendedorismo no contexto brasileiro, especialmente relacionados à intolerância ao risco. Defende a ideia de que a simples transferência de conhecimento não é suficiente, propondo uma abordagem mais reflexiva e prática. Destaca a necessidade de revisão nos currículos educacionais, incorporando atividades experimentais e reflexivas para melhor preparar os alunos para o empreendedorismo. Mello e Nunes (2018) sugere aulas expositivas, visitas a empresas, planos de negócios, estudos de casos e práticas que mesquem teoria e prática.

Para além de todas as reflexões acima, é preciso analisar como ocorre ou pode ocorrer a formação de empreendedores sociais em ambientes como Instituições de Ensino Superior (IES) e Instituições de Ensino em geral, sendo estes os ambientes formais do processo educativo e de direito de todo cidadão brasileiro, tendo então participação na formação de quase toda população brasileira.

Segundo Tenório (2017), no Paraná, em 2015, uma parceria inédita entre o SEBRAE/PR e a Secretaria de Educação (SEED) foi anunciada, visando implementar educação empreendedora nas escolas estaduais a partir de 2016, abrangendo a segunda fase do Ensino Fundamental e o Ensino Médio. O processo de regulamentação do ensino empreendedor vem ocorrendo em muitos estados e também em âmbito nacional. Alves et al. (2021) destaca o papel da escola como ambiente crucial para desenvolver sujeitos empreendedores e discute a estratégia de empresariamento da educação, evidenciada por parcerias entre escolas e organizações como a Junior Achievement e o SEBRAE. Sugere a pedagogia empreendedora na formação da subjetividade empreendedora desde a infância. A EE desde a escola também é indicada por Moreira et al. (2016) e diversos artigos incluídos nos resultados de pesquisa.

Segundo Lima et al. (2015) há uma alta demanda por educação em empreendedorismo no IES, maior que em outros países. Para Natali (2016), uma limitação para formação social nas IES públicas é a limitação no número de vagas e é feita uma comparação com o IES no Uruguai, que tem como princípio essencial proporcionar acesso gratuito a educação. Na pesquisa de Itelvino et al (2018) considera-se que os esforços científicos e tecnológicos gerados nas IES podem ser utilizados pelo Terceiro Setor e revertidos em inovações sociais para o bem de toda a sociedade, apontando para extensão universitária. No artigo Genu (2018) é exposta a existência de incubadoras sociais no ambiente universitário, que atuam como agentes apoiadores de startups sociais, promovendo a inclusão social. Teixeira et al. (2018) apela a necessidade de inovação no IES por meio da educação empreendedora. O estudo detalha um projeto de ensino de empreendedorismo com enfoque na interação, aprendizado prático e desenvolvimento de competências empreendedoras. Destaca a elaboração de planos de negócios orientados por alunos formandos, promovendo interatividade, vivência prática e interdisciplinaridade. Moreira et al. (2016) sugere que o empreendedorismo, quando integrado nas IES, pode potencializar competências em mediação e promover uma abordagem inovadora e crítica na área. Enfim, Cavazos-Arroyo et al. (2017) coloca que o desenvolvimento de empreendedores sociais pode ocorrer nas IES incorporando análise de casos sociais, visitas tutoradas e intervenções sociais, remetendo novamente a Extensão Universitária.

Em todos os aspectos elencados acima temos, além do ator empreendedor social, o ator professor, que nem sempre foi evidenciado, mas está presente em quase todos os âmbitos seja como formador integral, mediador ou facilitador da formação de

empreendedores sociais. Assim sendo, é necessário falar sobre a formação do próprio professor, tema trazido em diversos artigos. Natali (2016) apresenta que a formação de educadores sociais começa a ganhar destaque somente a partir dos anos 2000, sendo esta formação necessariamente distinta da formação oferecida nos cursos tradicionais de formação de professores, com uma abordagem mais alinhada a seus objetivos. O cenário apresentado em Natali (2016) destaca a importância de discutir, na formação de professores, diversos elementos além dos conteúdos específicos de cada área ou disciplina, conforme defendido por Paulo Freire. Mello e Nunes (2018) destacam o papel do professor na educação empreendedora, passando a ser um catalisador e facilitador, estimulando os alunos a aprenderem a aprender e pensar de maneira empreendedora. Mello e Nunes (2018) consideram a necessidade de formação de professores específicos para a EE. Schaeffer e Minello (2020) menciona a necessidade de aumentar a oferta de cursos e treinar professores para a implementação efetiva da educação empreendedora.

Por fim, considera-se a quantidade de vezes de que as palavras integração e interdisciplinaridade aparecem nos artigos estudados. Desta forma, é importante avaliar de que forma isto é abordado. Tenorio (2017) destaca a necessidade de uma formação integral do ser humano e destaca a importância de integrar o trabalho como princípio educativo, promovendo uma escola unitária e politécnica. Para Martins (2020) existe uma perspectiva global e integradora de que todas as educações se misturam e se entrelaçam e devem ser entendidas pelas instituições educativas. Teixeira (2018) reconhece recomendações práticas para o ensino do empreendedorismo incluem a interdisciplinaridade. Segundo Peroni e Junior (2019), a Educação Empreendedora é uma educação de abordagem holística. Mello e Nunes (2018) propõem uma abordagem integrada e interdisciplinar da educação empreendedora, destacando a importância de cultivar ambientes ricos em diversidade e experiência.

5 Considerações Finais

Analisar o processo de formação de um empreendedor social no Brasil é um desafio, mas é possível. O cenário brasileiro é repleto de complexidades socioeconômicas que advém de uma conjuntura histórica cheia de mudanças significativas e muito singular. Os desafios são principalmente desigualdade social, exclusão social e precariedade na educação e na saúde. O âmbito educacional encontra-se em um contexto complexo, pois é um desafio desenvolver uma educação de qualidade, mas também é nesta educação que é depositada a esperança de mudanças positivas. A situação do Brasil é paradoxal, permeada por

dificuldades, mas repleta de potencialidades. Em meio a estas dificuldades “necessidade de mudanças” foi um dos termos que mais apareceu na pesquisa realizada.

A mudança ocorre, por exemplo, através da identificação de oportunidades de melhorar realidades sociais e a implementação eficaz de soluções propícias e sustentáveis. Isto caracteriza o que é o empreendedorismo social. A inovação é importante, mas não ocorre em todo empreendimento social. Inovar por inovar pode levar a um círculo que não tem objetivos claros. Estas mudanças sociais podem ocorrer por iniciativa do estado, da iniciativa privada ou por iniciativa sociedade civil. É uma discussão a parte identificar as responsabilidades de cada uma destas esferas. Importa aqui que o empreendedorismo social pode ocorrer em todas elas.

O empreendedor social não é um herói, e sim um indivíduo com características intrínsecas de inconformidade e indignação social, que advém muitas vezes da sua história de vida. O empreendedor social não é um lobo solitário, pois precisa agir colaborativamente mesmo quando exerce papel de liderança inspiradora. O empreendedor social é um sujeito que percebe a realidade a sua volta, entende as necessidades de mudança e tem habilidade para transformar.

As competências necessárias para que um empreendedor social possa efetivar suas ações são, principalmente: conhecimentos em finanças e gestão; habilidades como discernimento crítico, visão estratégica, geração de mudanças, trabalho em equipe, comunicação, equilíbrio emocional; atitudes de liderança e iniciativa, além de características intrínsecas e difíceis de serem ensinadas, como postura de inconformismo. Talvez a postura de inconformismo e a indignação social possam ser melhor elaboradas com um ensino mais abrangente de filosofia e sociologia na educação formal.

Abordagens que podem despertar empreendedores sociais são a Educação Empreendedora e a Educação Social. A Educação Empreendedora orienta para identificação de problemas, estimula criatividade para resolução de problemas e sugere ferramentas para transformação da realidade. A Educação Social pretende incluir os excluídos e educa o indivíduo para o reconhecimento da realidade a sua volta: as adversidades, a política, as leis, as propriedades do local em que habita. Estas pedagogias divergem em muitas ideias e convergem em outras, como educar para autonomia, empoderamento e liberdade de expressão. A união da capacidade de compreender a realidade a sua volta (em muito colaborada pela Educação Social) e de ter ferramentas para transformar a realidade a sua

volta (em muito colaborada pela Educação Empreendedora) pode ser uma união poderosa para quem tem ousar desenvolvê-la.

Os espaços que se formam os empreendedores sociais são diversos, mas em geral não são o espaço da educação formal. Os espaços de educação informal e não formal são preponderantes na história de vida de diversos empreendedores sociais. A educação formal precisa ser melhor adequada para servir a educação do empreendedor social. Para isto, são recomendadas metodologias de ensino ativas e emancipadoras, nada tradicionais, que estimulem a autoconfiança para a total liberdade de criação a partir da concepção de realidade do aluno. Ensino de gestão, finanças e planejamento também são importantes neste ambiente.

As instituições de ensino formais, responsáveis segundo a Constituição como provedoras de educação para todos os brasileiros, são as mais consideradas na concepção de educação. Na escola pode-se desenvolver a exploração da criatividade, soluções de problemas sociais relativamente simples, abordagens de planejamento, conhecimentos simples em finanças e visitas a diversos locais para experiências práticas. Nas IES, recomenda-se a incorporação de disciplinas de empreendedorismo e sociedade nos currículos e a valorização da extensão universitária como potencializadora de formação de empreendedores sociais - o que já ocorre em muitas instituições.

As proposições de melhorias para formação de empreendedores sociais são projetos de educação específicos, que ocorram além dos muros, que abranjam todos os cidadãos, que estimulem o pensar filosófico, que sejam transdisciplinares, que adotem abordagens pedagógicas como a EE e a ES, que mostrem aos alunos a realidade com que se deparam, para que eles decidam se querem, assim, transformá-la ou manterem-se passivos, respeitando a autonomia de cada indivíduo.

A principal contribuição teórica deste artigo é a compreensão do estado do conhecimento do tema formação do empreendedor social no Brasil. Contribui para prática da formação de empreendedores sociais. O estudo é limitado pela análise de resultados feitas a partir de pesquisas publicadas a partir de 2015 e que estão em língua portuguesa. Recomenda-se novas pesquisas para entender a possibilidade da educação social na formação do empreendedor social e pesquisas que busquem formas de aprimorar a formação do empreendedor social em instituições formais de ensino.

6 REFERÊNCIAS

- Alves, A., Klaus, V., & Loureiro, C. B. (2021). Do sonho à realização: pedagogia empreendedora, empresariamento da educação e racionalidade neoliberal. *Educação e Pesquisa*. <https://doi.org/10.1590/S1678-4634202147226115>
- Anastacio, M. R., Filho, P. R. A. C., & Marins, J. (2018). *Empreendedorismo Social e Inovação Social no Contexto Brasileiro*. Pucpress.
- Barbosa, R., Silva, E. A., Gonçalves, F. H. L., & Moraes, F. R. (2020). O Impacto da Educação Empreendedora na Intenção de Empreender análise dos traços de personalidade. *Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas*, 9(1), 124-158. <https://doi.org/10.14211/regepe.v9i1.1589>
- Bastos, M. F., Neto, B. d. S., & Diniz, D. M. (2021). Não-manual do empreendedorismo: Atividades reflexivas para uma educação empreendedora. *Revista da Micro e Pequena Empresa*, 15, 24-40. <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=8040976>
- Bernardo, N. R. R., & de Araújo, E. A. S. (2017). Formação para o Empreendedorismo: Análise das Ementas das Disciplinas dos Cursos Oferecidos por uma Instituição Pública de Ensino Superior Tecnológico. *Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional*, 12(5). <https://doi.org/10.54399/rbgdr.v12i5.2789>
- Bittencourt, I., Brunstein, J., Cavalcante Martins, A. A., Desidério, P. H., & Cardoso Sobrinho, C. A. (2016). Revisão Sistemática da Literatura de Empreendedorismo Social e Desenvolvimento de Competências. *International Journal of Innovation: IJI Journal*, 4(1), 33-45.
- Bornstein, D. (2007). "How to Change the World: Social Entrepreneurs and the Power of New Ideas."
- Carneiro., & Bernardino. (2019). "O empreendedor social no Brasil: A importância do perfil, motivações e percepções na criação de iniciativas sociais."
- Casagrande, R., & Branco, P. M. C. (2018). Empreendedorismo Social: As Dificuldades para Abertura de Um Empreendimento e a Formação de Gestores Sociais - Desafios e Perspectivas. *Revista Eletrônica de Ciências Empresariais*, 10, 53-71.
- Cavalcanti, J. A., & Cruz Neto, G. G. (2016). Comparativo dos benefícios das Redes Sociais para a educação empreendedora com base em estudo qualitativo com empreendedores locais. *Revista de Engenharia e pesquisa aplicada*, 2(1). <https://doi.org/10.25286/repa.v2i1.319>
- Cavazos-Arroyo, J., Puente-Díaz, R., & Agarwal, N. (2017). Análise de alguns antecedentes da intenção empreendedora social entre os residentes do México. *Revista Brasileira de Gestão e Negócios*. <https://doi.org/10.7819/rbgn.v19i64.3129>
- Ciccarino, I. D. M., Malpelli, D. C., Moraes, A. B. G. d. M., & do Nascimento, E. S. (2019). Inovação social e processo empreendedor: aplicação de tipologia em start-ups da Yunus Negócios Sociais Brasil. *Cadernos Ebape FGV*, 17(4), 1031-1047. <https://doi.org/10.1590/1679-395174335>
- da Costa, M. V. (2016). A educação interprofissional no contexto brasileiro: algumas reflexões. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*. <https://doi.org/10.1590/1807-57622015.0311>
- Dornelas, J. C. A. (2008). "Empreendedorismo: transformando ideias em negócios."
- Drucker, P. F. (1985). "Innovation and Entrepreneurship: Practice and Principles." Harper Business.

- Freire de Araújo, G., & Davel, E. (2018). Educação empreendedora, experiência e John Dewey. *Revista Pensamento Contemporâneo em Administração*, 12(4), 1-16. <https://doi.org/10.12712/rpca.v12i4.13291>
- Freire de Araújo, G., & Davel, E. (2019). Educação empreendedora pela experiência: o caso do festival de artes empreendedoras em itabaiana. *Revista de empreendedorismo e gestão de pequenas empresas*, 8(1), 176-200. <https://doi.org/10.14211/regepe.v8i1.1053>
- Garcia, N. M., Yunes, M. A. M., & Almeida, A. M. T. (2016). Educação parental e pedagogia social: avaliação de uma proposta de intervenção. *Educação*, 39(1), 94-104. <https://doi.org/10.15448/1981-2582.2016.1.21396>
- Genu, J. M. (2018). *É Difícil Ser uma Startup Social? A Visão dos Empreendedores Sociais* [Doctoral dissertation, Universidade Federal de Pernambuco]. <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/29978>
- Gibson-Graher. "A Postcapitalist Politics" (2006).
- Graeber, D. (2018). "Bullshit Jobs: A Theory."
- Haraway, D. (1991). "A Cyborg Manifesto: Science, Technology, and Socialist-Feminism in the Late Twentieth Century."
- Hjorth, D., & Steyaert, C. (2004). "Narrative and Discursive Organizational Studies: From Micro to Meso."
- Itelvino, L. d. S., Costa, P. R., Gohn, M. d. G. M., Ramacciotti, C., & Porto, G. S. (2018). Formação Empreendedora Para Geração de Inovações Sociais. *Gestão e Regionalidade*, 34(101), 107-133. <https://doi.org/doi:10.13037/gr.vol34n101.4172>
- Itelvino, L. d. S., da Costa, P. R., Gohn, M. d. G., & Ramacciotti, C. (2018). Formação do empreendedor social e a educação formal e não formal: um estudo a partir de narrativas de história de vida. *Ensaio: Avaliação de Políticas Públicas em Educação*. <https://doi.org/https://10.0.6.54/S0104-40362018002600960>
- Kirzner, I. M. (1973). "Competition and Entrepreneurship." University of Chicago Press.
- Kruger, C., Burger, R. E., & Minello, I. F. (2019). O Papel Moderador da Educação Empreendedora diante da Intenção Empreendedora. *Revista Economia e Gestão*, 19(52).
- Lima, E., Lopes, R. M. A., Nassif, V. M. J., & Silva, D. (2015). Ser seu Próprio Patrão? Aperfeiçoando-se a Educação Superior em Empreendedorismo. *Revista Administração e Contemporaneidade*. <https://doi.org/10.1590/1982-7849rac20151296>
- Macedo, M. d. M., Lima, E. P., de Lima, B. R., Lazzarin, G. R. d. S., Salusse, M. A. Y., Guimarães, M. L., Greco, S. M. d. S. S., & de Souza, V. L. (2015). Empreendedorismo no Brasil 2015. *Global Entrepreneurship Monitor*.
- Machado, A. F., Sousa, B., Dieguez, T., & Ribeiro, M. (2020). Empreendedorismo Social, Inovação e Benchmarking no Instagram: combate aos efeitos negativos da COVID-19 numa visão luso-brasileira. *European Journal of Applied Business Management*, 59-82. <https://doi.org/10.58869/EJABM>
- Mair, J., & Seelos, C. (2017). "Innovation and Scaling for Impact: How Effective Social Enterprises Do It." Stanford Business Books.
- Martins, E. C. (2020). A Educação Social Nos Novos Espaços e Tempos. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, Araraquara, 15, 2167-2187. <https://doi.org/DOI:https://doi.org/10.21723/riaee.v15iesp3.14423>

- Mello, M. F., & Nunes, L. S. (2018). A importância da Educação Empreendedora para a cultura e formação de novos empreendedores. *Saber Humano*, 8(13), 152–173. <https://doi.org/10.18815/sh.2018v8n13.342>
- Moreira, N., Alves, M. P., & e Silva, A. M. C. (2016). A Educação para um Empreendedorismo em Mediação: um Estudo com Estudantes Universitários. *Sustentabilidade da Mediação Social: Processos e Práticas*, 69-78.
- Natali, P. M. (2016). Subsídios a Partir de Experiências de Educadores Sociais Latino Americanos [Master's thesis, Universidade Estadual de Maringá].
- Osberg, S., & Martin, R. L. (2015). "Getting Beyond Better: How Social Entrepreneurship Works." Harvard Business Review Press.
- Parreira, P. M., Pereira, F., Arreguy-Sena, C., & Salgueiro, A. (2015). Representações sociais do empreendedorismo: o papel da formação na aquisição de competências empreendedoras. *Revista iberoamericana de saúde e envelhecimento*, 1(3), 265-285. [https://doi.org/http://dx.doi.org/10.24902/r.riase.2015.1\(3\).266](https://doi.org/http://dx.doi.org/10.24902/r.riase.2015.1(3).266)
- Pereira, A. (2016). A Profissionalidade do Educador Social Frente a Regulamentação Profissional da Educação Social: As Disputas em Torno do Projeto de Lei 5346/2019. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, 11, 1294-1317. <https://doi.org/https://dx.doi.org/10.21723/riase.v11.n3.6041>
- Pereira Mano, A. M., & Souza Rizzo, D. T. (2021). A educação social e a formação de professores em pesquisas: definições, indefinições e perspectiva. *Revista Iberoamericana de Estudos em Educação*, 16(1), 999-1013. <https://doi.org/10.21723/riase.v16iEsp.1.13885>
- Peroni, A. P., & Junior, O. C. (2019). Educação empreendedora: formação de cidadãos na Educação Profissional e Tecnológica. *Divulgação Científica do IFPB*, 70-81. <https://doi.org/http://dx.doi.org/10.18265/1517-03062015v1n47p70-81>
- Peronil, V. M. V., Caetano, M. R., & Valim, P. L. (2021). Neoliberalismo e Neoconservadorismo nas políticas educacionais para a formação da juventude brasileira. *Jornal de Políticas Educacionais*. <https://doi.org/10.5380/jpe.v15i0.82294>
- Porter, M. E., & Kramer, M. R. (2011). "Creating Shared Value." *Harvard Business Review*, 89(1-2), 62-77.
- Ries, E. (2011). "The Lean Startup: How Today's Entrepreneurs Use Continuous Innovation to Create Radically Successful Businesses." Crown Publishing Group.
- Schaefer, R., & Minello, I. (2020). Desafios contemporâneos da educação empreendedora: novas práticas pedagógicas e novos papéis de alunos e docentes. *Revista de Micro e Pequena Empresa*, 14(3), 134-148. <https://doi.org/http://dx.doi.org/10.48099/1982-2537/2020v14n3p134149>
- Schaefer, R., & Minello, I. F. (2016). Educação empreendedora: premissas, objetivos e metodologias. *Pensamento Contemporâneo em Administração*, 10(3), 60-81. <https://doi.org/http://dx.doi.org/10.12712/rpca.v10i3.816>
- Sarasvathy, S. D. (2001). "Causation and effectuation: Toward a theoretical shift from economic inevitability to entrepreneurial contingency." *Academy of Management Review*, 26(2), 243-263.
- Schumpeter, J. A. (1942). "Capitalism, Socialism and Democracy." Harper & Brothers.

- Seba, N. M., & Casagrande, Y. G. (2016). Empreendedorismo Social: análise da percepção dos acadêmicos de graduação de Campo Grande/MS. *Pensamento & Realidade*, 31(1), 81-106. <https://revistas.pucsp.br/index.php/pensamentorealidade/article/view/27349/19729>
- Souza, P. R. (1998). "O Empreendedor Corporativo." São Paulo: Makron Books.
- Shinyashiki, R. (1998). "Sem Medo de Vencer: sua jornada para o sucesso." Editora Gente.
- Silva, A. C. B. (2015). Cidadania, formação social brasileira e a relação com a educação de jovens e adultos: o caso do PROEJA [Doctoral dissertation, Universidade Federal de Juiz de Fora]. <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/1189>
- Silva, C. P. S., Pereira, E. C. S., & Guimarães, J. C. (2021). Educação empreendedora no ensino superior: uma análise sob a perspectiva de estudantes de administração. *Pensamento Contemporâneo em Administração*, 15(4), 82-100. <https://doi.org/10.12712/rpca.v15i4.51262>
- Silva, J. (2017). O “Bê-Á-Bá” do Ensino em Empreendedorismo Uma Revisão da Literatura Sobre os Métodos e Práticas da Educação Empreendedora. *Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas*, 6(2), 372-401. <https://doi.org/https://10.14211/regepe.v6i2.563>
- Stevenson, H. H. (1985). "The Heart of Entrepreneurship." *Harvard Business Review*.
- Teixeira, D. M., Santos, J. M., & Fortes, G. P. (2018). Por uma Sala de Aula mais Interessante! Se não for isso o que será? A Educação Empreendedora Abrindo Portas para o Futuro da Educação e da Economia. *Revista Livre de Sustentabilidade e Empreendedorismo*, 3, 139-163. <http://relise.eco.br/index.php/relise/article/view/248/196>
- Tenório, A. F. (2017). A Emancipação Humana, Pela Via Da Escola, Na Sociedade De Produção Flexível: Educação Socialista e Educação Empreendedora [Master's thesis, Universidade Estadual de Maringá].
- Wellman, B. (1999). "Networks in the Global Village."